

O que nos dizem os corpos cuja existência é negada – o direito de existir dos meninos  
negros da periferia

What the bodies whose existence is denied tell us – the right to exist of black boys from  
the periphery

Clairí zaleski<sup>1</sup>

Byanka Quitete<sup>2</sup>

Menino - Milton Nascimento

Amor e Revolução

Quem cala sobre teu corpo  
Consente na tua morte  
Talhada a ferro e fogo  
Nas profundezas do corte  
Que a bala riscou no peito  
Quem cala morre contigo  
Mais morto que estás agora  
Relógio no chão da praça  
Batendo, avisando a hora  
Que a raiva traçou no tempo  
No incêndio repetido  
O brilho do teu cabelo

EIXO 1- Políticas públicas, infância, adolescência e juventude.

### **Introdução**

Nossa reflexão se dá a partir das experiências como assistente social no núcleo social cuidar carioca, no carioca shopping, região de Vicente de Carvalho, que atua com acolhimento e encaminhamentos para acesso às políticas sociais de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, que acessam o shopping para vender doces

---

<sup>1</sup> Assistente social, especialista em políticas sociais, mestre em educação comunicação e cultura em periferias FEBF-UERJ, doutoranda em educação FEBF- UERJ. [clairizaleski31@gmail.com](mailto:clairizaleski31@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga, especialista em psicologia jurídica, mestre em ciências médicas – UFF, doutoranda em neurociências – UFF. [Byanka.quitete@gmail.com](mailto:Byanka.quitete@gmail.com)

e/ou conseguir lanche na praça de alimentação e supermercado. A presença de um núcleo social num espaço de intenso apelo comercial se faz necessário diante das demandas que emergem da questão social e das inúmeras nuances da desigualdade. São, em sua maioria, meninos em situação de rua, com pouco ou nenhum vínculo familiar, vulnerabilidade extrema, ausência de acesso às políticas públicas e sociais básicas. Os meninos do shopping, são filhos da periferia que não conseguem acessar a oferta capitalista de desejos materializada na estrutura do shopping center e fazem desse espaço, não apenas um meio de comercializar doces para conseguir o dinheiro do dia, mas como um espaço de socialização, de personificação de ódio e alegria.

Ao mesmo tempo que brincam pelos corredores, furtam lojas e quiosques ameaçam a vigilância e os comerciantes, atiram pedras nas câmeras, criam vínculo com funcionários, abraçam, beijam e sorriem. Tudo ao mesmo tempo, no aqui e agora de uma infância cheia de ausências, desamparo e sofrimento.

No cotidiano do atendimento social fazendo uso de uma escuta sensível, percebemos a importância de considerar todos os aspectos que envolvem esses corpos para fomentar o pensamento sobre as possibilidades de intervenção social a partir de suas demandas objetivas e subjetivas, considerando suas inteligências e desejos.

### **Desenvolvimento**

O ponto de partida de nossa reflexão se dá na necessidade de elaboração de políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes, diante das demandas experienciadas nesse espaço sócio-ocupacional a partir da observância dos usuários nas suas subjetividades, corporeidade, vivências e experiências talhadas na rua, nas comunidades, criadas para a sobrevivência à margem. A ideia de comunidade e sociabilidade se dá na relação com os “irmãos de pista”. Aqueles que vivenciam o cotidiano da rua, se protegem e compartilham o que é conseguido na ordem do dia. Alguns meninos que já possuem vínculo com o núcleo, costumam trazer outros para que tenham a possibilidade de acessar políticas sociais ou receber algum acolhimento na rede socioassistencial, são sempre apresentados como irmãos. Em grande maioria, adolescentes negros em situação de extrema vulnerabilidade, que se conectam a partir do abismo que experenciam. “A partir do conceito de relação de Glissant (2021), percebemos que é no tateio da frequência do abismo, e mesmo quando esquecido, que está contido o saber da relação”.

E dessa relação, se constroem subjetividades, caminhos de pertencimento, representatividade social e afetos. Emergem significados de inscrição no mundo a partir da ginga, da corporeidade. O movimento corporal desses meninos, que nunca acessaram a escolarização formal, ou acessaram pouco, reflete a importância de pensar outras possibilidades de construção de cultura, educação, filosofia e políticas sociais que contemplem suas necessidades.

Nesse sentido, para Júlio Tavares, ao ter ginga, acessamos mais opções nos contextos sociais, movimento e emoção são pressupostos do comprometimento e sabedoria com a capacidade de tomar uma decisão. Essas categorias correm paralelas à memória e ao discurso colonial, são associadas ao corpo e à autorrepresentação cotidiana: gestos, roupa, formas de andar e, sobretudo, postura social. “Essas categorias se tornam tropos peculiares na cultura popular, ao combinarem suas funções de emblemas poéticos e paradigmas políticos, frequentemente cruciais para a sobrevivência do dia a dia” (Tavares, 2019, p. 57).

Leda Maria Martins (2022), ao discutir as relações entre temporalidades, negritude e a noção de corpo, compreende o corpo como um espaço de inscrição de saberes ancestrais. Esse saber se expressa por meio das coreografias dos gestos, das formas próprias de escrita e partitura, dos ritmos e sonoridades da voz, bem como pela memória. Trata-se de uma episteme que não apenas reproduz práticas habituais, mas que também instaura, interpreta e reatualiza ações, eventos e acontecimentos. Para a autora, essas poéticas posicionam a corporeidade negra como um fundamento teórico, conceitual, performático e epistemológico, que fertiliza as cenas artísticas e amplia a concepção do corpo enquanto espaço e meio de produção de conhecimento, memória, afetos e ações. Trata-se de um corpo que pensa, que dança, pois “em seus movimentos funda o ser no tempo, inscrevendo-o como temporalidade” (Martins, 2022, p. 21). O corpo, enquanto construção e instituição, revela-se como “corpo-tela, corpo-imagem, repositório de um complexo de referências, estímulos e argumentos, traduzindo uma geopolítica do corpo: o corpo-pólis, corpo das temporalidades e espacialidades, corpo gentrificado, corpo testemunha e corpo de registros” (Martins, 2022, p. 162). Assim, “o corpo dança o tempo, e dançar é como inscrever-se — é estar no tempo curvo do movimento. Um evento que se cria no e pelo corpo, inscrevendo o sujeito e a cultura numa espacialidade refletida, que espelha múltiplas temporalidades” (Martins, 2022, p. 88).

Por esse caminho procuramos pensar o texto desses corpos, suas marcas de dor e alegria não para soluções mágicas ou intervenções mirabolantes, mas para abrir uma escuta mais sensível àquilo que pretendem comunicar.

### **Considerações finais**

O movimento desses corpos reflete inteligências múltiplas, modos de vida, de (re) existência e nos convocam a refletir sobre a linguagem que comunicam e o movimento sociocultural que expressam. Nos provocando a pensar a construção de políticas públicas que considerem a existência desses meninos no mundo, não de maneira formatada ou automática, mas contemplando a inteligência e memória que carregam em si, no jeito de andar, de falar e sentir. De maneira que não sejam vistos como objetos a serem sócio educados, mas como sujeitos de desejos, nuances variadas e subjetividades poéticas.

### **Referências**

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó. 2021.

GLISSANT, Édouard. **A poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

TAVARES, Júlio César. **Gramáticas das Corporeidades Afrodiaspóricas: Perspectivas etnográficas**. Curitiba: Appris, 2020.

